

Introdução:

<https://doi.org/10.20396/simtec.v7.2019.9610>

A internação hospitalar de um ente querido traz aspectos significativos na dinâmica psíquica dos familiares, principalmente quando envolve crianças. Abordar sobre o adoecimento e fantasias que o processo de adoecer traz consigo com os pequenos causa grande sofrimento, principalmente durante o processo de morte e morrer. Todavia, a literatura mostra que, quando a criança participa desse processo, há maior compreensão e diminuição de sofrimentos e fantasias que surgem ao longo do mesmo. Assim, é importante estimular e permitir a participação da criança nas várias etapas da doença, dentre elas a internação. O objetivo desse trabalho é relatar a avaliação e acompanhamento das visitas de crianças à unidade de internação oncológica do Hospital da Mulher Prof. Dr. José Aristodemo Pinotti ? CAISM.

Metodologia:

Durante a experiência de aprimoramento profissional em Saúde Reprodutiva da Mulher, foram realizadas avaliações e visitas supervisionadas à unidade de internação. Utilizou-se um roteiro de entrevista semi-estruturada que avalia o conhecimento da criança sobre o adoecimento do familiar e os motivos da internação, seu imaginário a respeito do espaço físico da unidade de internação e implicações para a visita, bem como sua motivação para a mesma.

Resultados:

Durante as avaliações, algumas crianças demonstraram acompanhar o tratamento e a evolução da doença, enquanto outras não souberam dizer sobre o adoecimento e o motivo de internação do familiar. Uma vez que a internação traz mudanças na dinâmica e na rotina das famílias - distância e tempo sem contato -, as crianças apontaram o desejo de ver seus familiares enquanto internados. Todas as crianças avaliadas possuíam relação de proximidade e costumavam ter em sua rotina uma importante participação com o ente querido hospitalizado, sendo referido principalmente pelas crianças mais velhas a falta que sentiam desse contato após a hospitalização. Foram observadas diferentes formas de enfrentamento das crianças em relação ao adoecimento e uma possível terminalidade, sendo mais comum o uso da religiosidade; outro mecanismo de enfrentamento encontrado foi a negação. Assim, a percepção da finitude iminente foi negada por algumas das crianças avaliadas, que suavizaram a condição grave e irreversível de saúde de suas familiares, ou não a citaram voluntariamente no contato com a psicóloga.

Considerações finais:

Expôs-se o desejo e a necessidade das crianças em serem incluídas neste processo, sendo que por vezes elas só tinham oportunidade de visita hospitalar nos dias finais de vida do seu familiar - dificultando o contato gradual com o adoecimento e finitude na qual a família é envolta. É necessário trabalhar com a família as angústias que a impedem de permitir a participação das crianças, auxiliando os adultos a se fortalecerem emocionalmente para oferecer também a elas suporte no processo do luto.